

Metodologias Ativas no Ensino da Geografia



Organizadores

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Ruth Elias de Paula Laranja

Marciléia Oliveira Bispo

Rafael Rodrigues da Franca



caliandra

Metodologias Ativas no Ensino da Geografia

Organizadores:

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Ruth Elias de Paula Laranja

Marciléia Oliveira Bispo

Rafael Rodrigues da Franca





Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente - Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)
Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)
Profª Drª Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)
Prof. Drª Ruth Elias de Paula Laranja (GEA/UnB)

Membros externos:

Profª Drª Ângela Santana do Amaral (UFPE)
Profª Drª Joana Maria Pedro (UFSC)
Profª Drª Marine Pereira (UFABC)
Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Membro internacionais:

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide - Espanha);
Profª Drª Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)
Profª Drª Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)
Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex - Reino Unido)

© 2024 [detentor dos direitos autorais].

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives
4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.

[1ª edição]

Elaboração e informações

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino, CEP: 70.910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61) 3107-7364

Site: <https://caliandra.ich.unb.br/>

E-mail: caliandra@unb.br

Autores:

Adão Francisco de Oliveira; Carliane Alves da Silva; Davi Leite dos Santos; Carolina Machado Rocha Busch Pereira; Gildásia Pereira da Costa Borges; Juanice Pereira Santos Silva; Lucas Barbosa e Souza; Marcela Antonieta Souza da Silva; Mariléia Oliveira Bispo; Matheus Henrique Pereira da Silva; Milena Tayamara Gomes da Silva; Nasicmento Marques de Miranda; Raedy Ferreira da Silva; Rafael Rodrigues da Franca; Roberto de Souza Santos; Roselir de Oliveira Nascimento; Ruth Elias de Paula Laranja; Sâmia Mariana Araújo da Silva; Tatiana Rolim Soares Ribeiro;

Organizadores:

Tatiana Rolim Soares Ribeiro; Ruth Elias de Paula Laranja; Mariléia Oliveira Bispo; Rafael Rodrigues da Franca

Título: Metodologias Ativas no Ensino da Geografia

Coleção: Ensino de Geografia

Local: Brasília

Editor: Selo Calianandra

Ano: 2024

Equipe Técnica

Parecerista: Fernando Luiz Araujo Sobrinho

Capa: Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Diagramação: Luiz Henrique de Souza Cella

Ficha Catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

M593

Metodologias ativas no ensino da geografia
[recurso eletrônico] / organizadores: Tatiana
Rolim Soares Ribeiro ... [et al.]. - Brasília :
Universidade de Brasília, Departamento de
Geografia, 2024.
295 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.

ISBN 978-65-985460-0-7.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Aprendizagem
ativa. I. Ribeiro, Tatiana Rolim Soares (org.).

CDU 37:910.1

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....

12

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO RURAL
E URBANO.....

14

A RELEVÂNCIA DO OLHAR GEOGRÁFICO PARA AS
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA
GEOGRAFIA FÍSICA.....

41

ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO ENCONTRO
COM A SALA DE AULA E A FORMAÇÃO
DOCENTE INICIAL.....

67

AS AULAS DE CAMPO NO ZOOLOGICO COMO
FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
BIOGEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO.....
105

A FRAGILIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA NO ENSINO DE GEOGRAFIA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II
EM ARAGUATINS (TO).....
128

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE PROFESSORES
DA ESCOLA MUNICIPAL BEATRIZ
RODRIGUES DA SILVA, PALMAS (TO):
SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL CRÍTICA.....
157

DAS DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS NAS
CIDADES AO DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO
TERRITÓRIO: TRAJETÓRIA DE UM ITINERÁRIO
FORMATIVO NO PPGG-UFT.....
189

ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA:
DESAFIOS, LINGUAGENS E METODOLOGIAS
NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.....

216

MODELOS 3D NO ENSINO DO RELEVO:
INOVAÇÃO DIDÁTICA ATRAVÉS DA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....

247

SOBRE OS AUTORES

285

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO ENCONTRO COM A SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Introdução

Este ensaio apresenta resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2022 acerca da articulação que se estabelece entre a universidade, o campo de formação dos futuros professores de Geografia e as escolas, instituições que recebem os alunos estagiários. A motivação deu-se após o retorno as atividades presenciais (pós-pandemia de Covid-19) em saber como estavam organizadas as escolas, o que tinha se alterado pós pandemia, e quais os desafios e dificuldades que os estudantes matriculados na disciplina Estágio Supervisionado III – que compreen-

de a etapa dos Anos Finais do Ensino Fundamental no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional – enfrentariam.

As questões trazidas pelos estudantes instigaram-me a acompanhar mais de perto como as escolas estavam retomando as atividades e como estavam recebendo e percebendo a sua função de co-formadores de tais estudantes. É fato que o impacto da pandemia trouxe alterações na forma e na organização do trabalho pedagógico de maneira geral, e, muitas escolas tiveram, juntamente com a adaptação ao retorno presencial, o desafio de implementar um novo currículo estadual alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e muitas outras redefinições que derivaram de um escopo mais amplo de políticas que ainda estão em curso no Brasil. Desta forma e orientada pelas questões iniciais de conhecer como estavam retomando as atividades, também me coloquei em marcha para pensar a participação da universidade no processo e articulação com os campos de estágio e como os estagiários estavam lidando com o processo de formação a partir das escolas.

Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso, por acompanhar in loco o trabalho dos professores do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e as relações estabelecidas com os estagiários do curso de licenciatura em Geografia.

Segundo André (2013, p. 97), o estudo de caso de pesquisa qualitativa pode ser definido como sendo:

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações.

Nesse sentido, podemos entender que o estudo de caso é uma estratégia investigativa através da qual se procuram analisar, descrever e compreender determinados casos particulares (de indivíduos, grupos ou situações), podendo posteriormente encetar comparações com outros casos e formular reflexões com busca a compreensão das questões iniciais. Pode ser considerado uma modalidade de pesquisa que leva o campo investigado a uma auto avaliação das atividades que desenvolve ou ainda, a uma reflexão sobre a implementação de novas práticas.

A escolha das escolas campo de estágio, no curso de Geografia da UFT, é realizada pelos estudantes, sem interferência do docente da disciplina. Por compreender as dificuldades inerentes do processo de estágio, acreditamos que o campo de estágio deve ser definido pelos estudantes de acordo com seus próprios critérios, que normalmente são a proximidade com o local de residência, ou de trabalho e principalmente a facilidade de acesso à escola.

Assim o meu primeiro movimento foi identificar quais eram as escolas escolhidas naquele semestre. No total foram quatro escolas da rede estadual do Tocantins na cidade de Porto Nacional, município sede do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins. A turma de estágio no primeiro semestre de 2022 contabilizava um total de vinte dois alunos matriculados.

Durante o ano de 2022, estive presente, durante duas semanas não consecutivas em cada escola, para observar as atividades dos professores e da equipe gestora e pedagógica junto aos estagiários. Considerando a dificuldade que a equipe gestora estava enfrentando no retorno as atividades presenciais, desde o início estabelecemos o acordo que daríamos continuidade a rotina e ao planejamento dos professores das escolas campo, buscando auxiliar os mesmos e contribuir para a execução do plano de atividades já traçado.

Utilizamos como referencial teórico as reflexões das professoras Menga Ludke (2013), Selma Garrido Pimenta (2019) e pelo professor Antonio Nóvoa (1998)

sobre os estágios na formação de professores. As considerações já realizadas pelos pesquisadores do campo da formação docente inicial nos instigaram a buscar respostas aos questionamentos sobre qual a função social da escola na atualidade, o que pode assegurar eficácia ao estágio da formação docente e qual o sentido do estágio na formação docente.

A pesquisa não pretendeu em nenhum momento esgotar a reflexão sobre os questionamentos iniciais mas utilizou-se dos mesmos para conduzir o percurso de pesquisa e de ação junto as escolas.

Diante do referencial selecionado para fundamentar a pesquisa, buscamos compreender qual a concepção de teoria e prática sob o olhar daqueles que estão envolvidos no processo da formação dos futuros docentes: a universidade e a escola campo de estágio, assim como o estudante estagiário.

Assim o presente trabalho apresenta na primeira parte reflexões sobre a importância do estágio supervisionado na formação docente inicial. Na segunda seção, desenvolvemos considerações sobre a pesquisa realizada nas escolas campo de estágio e os diálogos estabelecidos com os gestores, professores e estudantes que participaram do processo. Por fim, apresentamos nossas considerações finais que caminham no sentido de compreender que a questão do estágio na formação de professores precisa ser aprofundada e trazida à tona nos encontros, debates, discussões e dentro da própria prática universi-

tária, não apenas nas disciplinas de estágio supervisionado, mas ao longo da formação docente inicial. Trata-se de uma etapa muito importante para a formação e precisa ser considerada de maneira mais articulada com os momentos da graduação e principalmente com os demais componentes curriculares do curso.

Estrutura e organização do estágio na UFT

O Estágio tem grande importância na formação inicial docente, uma vez que permite o contato direto dos licenciandos com a realidade escolar, levando estes professores em formação inicial a vivenciarem o processo de ensino e aprendizagem sob a ótica docente.

O fazer docente é construído de maneira dialética por reflexão e prática, em um processo de ir e vir, que busca compreender a realidade social, educacional e escolar, entendendo a miríade que envolve o tornar-se professor. Nesse sentido, o estágio supervisionado traz diversas oportunidades para os estudantes dos cursos de licenciatura compreenderem a diversidade cultural que permeia as escolas, observando a necessidade de práticas que valorizem as diferenças que se apresentam nas escolas.

Segundo Libâneo (2009 apud LINHARES *et al.*, 2014, p. 117) “A escola tem a função de acolher as camadas populares, da mais pobre a mais rica, e difundir o conhecimento, de modo, que todos tenham formação social e

técnico-científica, levando ao sujeito uma formação de status, baseando-se em novas culturas” sendo assim, a mesma é palco de diversidade não só social, mas também cultural, técnica entre outras.

A escola, como ambiente de trabalho do professor, em que as teorias apresentadas em sala de aula durante a vida acadêmica dos estudantes passam a ser colocadas em prática, seus conhecimentos adquiridos, convivência com outros professores, conhecer o espaço escolar e seus funcionamentos, entender as realidades dos alunos, de forma a desenvolver suas habilidades e competências como educador.

O estágio supervisionado é parte fundamental nas graduações de licenciatura, tendo em vista que é mediante essas experiências vivenciadas no ambiente escolar que os estudantes, agora estagiários, podem observar o ambiente de trabalho ao qual estarão se inserindo quando se formarem. A ida à escola – campo de estágio – é capaz de revelar aos acadêmicos, algo que os mesmos ainda não tinham observado. Há sempre algo novo a ser aprendido e conhecido, ainda que a escola seja um lugar conhecido.

O estágio curricular supervisionado em seu movimento é campo de conhecimentos pedagógicos, envolvendo a universidade, a escola, os estagiários, tendo os professores da educação básica uma preocupação central com os fenômenos

do ensinar e do aprender. Representa a inserção do professor em formação no campo da prática profissional para ter a experiência da docência, vivenciando a regência de classe e a realidade da sala de aula, que são saberes fundamentais na construção da identidade docente. (MARTINS, TONINI, 2016, p. 99)

O processo do estágio é subdividido em fases entre os últimos períodos da graduação (no caso da UFT o estágio supervisionado ocorre no 5º, 6º, 7º e 8º período com carga horária total de 540 horas), possibilitando novas descobertas a cada fase e apresentando um novo mundo a ser explorado: a escola e a sala de aula. Desde a observação até o momento da regência o acadêmico está cercado de novas visões e de um processo rico que contribui de maneira singular na construção da sua identidade profissional docente.

Os acadêmicos são preparados ao longo de cada período da graduação para o momento de entrar em sala de aula. Desde os trabalhos em grupos, os seminários, os trabalhos de pesquisa, entre outras variadas ações que os professores propõem para que possam aprender se comportar, falar, observar o que está acontecendo, pesquisar nas fontes corretas e seguras e principalmente assumir o papel de mediador de um processo de aprendizagem.

As disciplinas que dão maior ênfase a todos esses métodos e processos são a didática (Didática Geral) e as práticas de ensino (no caso da UFT temos a oferta de qua-

tro componentes curriculares dedicados exclusivamente a prática de ensino, são eles: Prática de Ensino de Cartografia, Prática de Ensino para o Fundamental, Prática de Ensino para o Médio e a Prática de Ensino e Diversidades), por meio desses componentes pode-se aprender a elaboração e organização de um plano de aula, como utilizar o livro didático e outros recursos em sala de aula, para que os alunos sintam-se confortáveis e preparados para ação docente. Mas não se aprende a dar aula apenas na teoria, o que se ensina na teoria deve ser colocado em prática, e nada melhor que a sala de aula para isso.

Considera-se como Estágio Curricular as atividades de aprendizagem profissional e sócio cultural proporcionadas ao aluno através da participação em situações reais de trabalho, realizadas nos ambientes que lhe permitam a aquisição de conhecimento geográfico, sob a responsabilidade de um supervisor e previstas na estrutura curricular do Curso. Compreendem situações de: observações, diagnóstico, análise, planejamento, avaliação do processo pedagógico, relacionamento escola/sociedade, regência e relatórios. (UFT PPC, 2013)

Para que se aprenda e tenha um bom domínio de sala de aula, a primeira fase do estágio é, a observação do ambiente escolar, do entorno da escola, dos processos de gestão e do Projeto Político Pedagógico onde é possível conhecer as propostas dos projetos educacionais, sociais

e culturais da escola. Esse primeiro estágio é subdividido em duas partes, a primeira de observação da escola e do PPP, e, a segunda parte é dedicada a análise de uma coleção de livro didático que a escola adota, assim como observar as aulas do ensino fundamental e conhecer os parâmetros que regem o ensino fundamental (UFT PPC, 2013).

Após a observação, os acadêmicos descrevem essas vivências por meio de um portfólio, onde devem estar todos os dados recolhidos, observações realizadas e as considerações feitas a partir dessa interação vivida na escola ao longo de um semestre.

A segunda fase é de observação das aulas do ensino médio, e, nesta etapa também temos a análise dos livros didáticos e dos parâmetros que regem o ensino médio, bem como o aprofundamento sobre o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Esta última etapa é uma fase de extrema importância para que se entendam os eixos que regem as avaliações de larga escala, a estrutura do ensino médio, as singularidades desta fase de aprendizagem e principalmente compreender este tipo de avaliação (UFT PPC, 2013).

É recomendado aos estudantes que o estágio seja concluído em apenas uma escola, visto que já conhecem e possuem uma relação com o ambiente escolar e com a comunidade escolar. Uma relação bem construída entre

todos os envolvidos pode promover uma segurança ao estagiário na hora da regência da docência, fase esta que se inicia no terceiro estágio.

Nestas duas primeiras fases do estágio o contato do estagiário é menor com os alunos e mais direto com os gestores da escola e com o supervisor de estágio, sendo seu papel de observador, é o momento que o acadêmico busca compreender as questões sociais, entender o espaço escolar, conhecer o ambiente que os alunos têm a sua disposição, abrir o seu olhar para a realidade escolar em si, sair do seu conforto e ver como os professores lidam com essa variação de realidades e como eles buscam suavizar essas diferenças ou até saná-las.

Nesse momento de observação, o acadêmico identifica as características da realidade que a comunidade escolar enfrenta.

Cabe aqui ressaltar que os projetos Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e Residência Pedagógica que a Universidade realiza, evidencia a importância que tem a relação da Universidade com a Escola, e, ambos projetos tem beneficiados tanto a Universidade como as escolas parceiras.

Após as duas fases de observação, temos a fase três que propõe a regência no ensino fundamental. A mesma deve ser precedida pela observação (12 horas), elaboração

de projeto de ensino (10 horas) para então realizar a regência com 8 aulas nos Anos Finais e a realização de uma avaliação para a mesma turma onde será feita a regência.

Para reger as aulas, o estagiário deve planejar os momentos das aulas, elaborar os planos de cada aula de acordo com os temas indicados pelo professor regente da turma, preparar atividades, organizar material, reger a aula, corrigir as atividades, assessorar o professor regente durante a observação e compreender a dinâmica da sala de aula para poder atuar como professor.

Nessa fase o método de observação normalmente é composto pela entrega do relatório com as vivências e os registros da observação do professor.

Um dos métodos que os professores da disciplina de estágio estão adotando é a aula simulada afim de que os acadêmicos passem pela experiência primeiro ainda como alunos e sanem as dificuldades ainda nessa fase, antes que o mesmo faça a regência em sala de aula no campo de estágio.

Após a experiência com a regência do ensino fundamental, vem à quarta fase, a observação e regência do ensino médio. Como no estágio anterior, primeiro observam-se algumas aulas na sala que será regente e após isso, com os planos de aula concluídos e aprovados pelo professor da disciplina o aluno entra como regente.

Normalmente nesta fase¹ é indicado que o estagiário faça não apenas a relação com o currículo estadual, e o livro didático adotado, mas também com a matriz de conteúdo do ENEM, para que se possível compreender os meandros da avaliação do ensino médio. Considerando que o ENEM é atualmente o maior exame de seleção para o ensino superior julgamos imprescindível que os estagiários compreendam o processo de elaboração dos itens, a metodologia Teoria de Resposta ao Item (TRI) e a estrutura da matriz de referência do exame.

O estágio é uma das mais importantes vivências das graduações de licenciatura para Monteiro e Silva e pode ser explicado como:

Um momento durante o qual são postas em prática as teorias educacionais abordadas durante a formação de professores na universidade. Ele não é apenas um momento de imitação de modelos, mas um momento de compreender a dinâmica escolar, conhecer novos métodos e aperfeiçoar os antigos. O estágio é ainda um momento em que os futuros

1 O Estágio Supervisionado IV é a etapa dedicada a regência no Ensino Médio e esta fase está, assim como todo o ensino médio no Brasil, pendente de definições mais claras. As escolas no Tocantins estão em fase de implantação do Novo Ensino Médio, mas até o encerramento deste ensaio, as escolas acompanhadas ainda não tinham finalizado a implementação que impacta e altera a estrutura, a organização didático-pedagógica, e a carga horária dos componentes curriculares.

professores podem exercer o papel de pesquisador e investigador. (MONTEIRO; SILVA, 2015, p. 19)

Essa experiência terá grande influência na carreira dos estagiários e estudantes de graduação, porque mediante essa experiência podemos complementar a teoria que é vista na sala de aula, na universidade, e como realmente é a prática, lá na escola, na sala de aula. Está ainda muito distante do que consideramos modelo ideal de formação de professores, que em nossa avaliação deveria ser desde o início do curso já em contato direto com a escola. A formação que desejamos para a licenciatura da UFT, e tentamos alterar a cada revisão do Projeto Pedagógico do Curso deveria ser baseada na metodologia de Ensino Baseado em Problemas, ou Problem-based Learning (PBL) e com residência pedagógica desde o primeiro período.

O estágio supervisionado na formação docente inicial

O estágio é visto como a prática da teoria aprendida em sala de aula, onde os acadêmicos aprendem o que é ser professor e vislumbram suas práticas docentes futuras. Essa atividade está ligada inteiramente ao ambiente escolar, onde os acadêmicos vivenciam intensas experiências em relação com a escola.

A escola é um caldeirão de culturas, espaço de efervescência cultural, identificado na forma de organização do

trabalho escolar e nos elementos que a constituem: hierarquia, visão de mundo, tipo de formação, concepção de ciência e espaços de poder. Diante de toda a cultura que mobiliza a escola, é necessário que o estagiário possa entendê-la como um grupo social interativo, no qual acontece o fenômeno educacional em suas contradições e possibilidades. (LIMA, 2008, p. 199)

A escola rodeada de múltiplas influências e atravessada por questões sociais complexas passa a ser o objeto de estudo dos acadêmicos nesse período de estágio, observa-se tudo e todos na escola, pois esse olhar como futuro professor é novo para os acadêmicos e essa relação deve ser incentivada e valorizada.

Segundo Lüdke (2013, p. 127) deve-se considerar três atores como protagonistas desenvolvimento do estágio: o estagiário, seu supervisor na universidade, e o professor que o recebe em sua escola, todas as partes devem se relacionar para que o estágio ocorra de forma satisfatória.

Portanto, esse momento é visto como:

O movimento de aproximação de duas instituições de ensino, cada uma trazendo valores, objetivos imediatos, cultura e relações de poder diferentes, com o objetivo de realizarem um trabalho comum: a formação de professores. No

meio destes dois campos de força está o estagiário, preocupado em cumprir os requisitos acadêmicos propostos pelo professor – orientador da disciplina e transitar de maneira satisfatória pela escola na busca de aprendizagens sobre a profissão. (LIMA, 2008, p. 198)

O professor da disciplina de estágio tem o objetivo de ser um facilitador de conhecimentos e é levado como exemplo pelos alunos. Eles têm o papel de fazer “planejamento, negociação com as escolas receptoras, desenvolvimento e avaliação de atividades” (LIMA, 2008, p. 198), essa ‘ajuda’ do professor é fundamental para os acadêmicos nessa fase acadêmica.

O acadêmico observa o professor para ter referências quando o mesmo estiver ministrando aula e isso não pode ser negligenciado na formação (NÓVOA, 1998). Essa exemplificação é fundamental para o acadêmico ter fundamentos para a ação.

O professor de Estágio passa a articular as atividades com os alunos. Dentro de suas limitações e possibilidades de tempo, espaço e condições objetivas de trabalho da universidade, dos estagiários e das escolas receptoras, o professor assume o papel de orientador, que é o responsável por um componente curricular no contexto das disciplinas do curso. Já o olhar atento do estagiário apro-

veitará a oportunidade de contato com a escola para descobrir valores, organização, funcionamento dela, bem como a vida e o trabalho dos seus professores e gestores. (LIMA, 2008, p. 200)

A ajuda do professor orientador é fundamental em todos os momentos do estágio, e normalmente durante as disciplinas de estágio os orientadores apresentam formas de facilitar o processo de aprendizagem e de conhecimento e contornar problemas e desafios que se apresentam no cotidiano do campo de estágio.

A aprendizagem é o principal objetivo do professor, mas nessa relação entre aluno e professor, a busca pelo conhecimento deve ser equivalente de ambos os lados. Davanço (2015, p. 475) comenta que a educação é:

Todo processo de construção e disseminação de conhecimentos, é também, vislumbrada como uma das possibilidades de transformação da sociedade. Portanto, seu papel é muito maior que meramente transmitir aos alunos os conhecimentos que foram construídos historicamente pela humanidade, é, acima de tudo, proporcionar que educandos e educadores desenvolvam seus conhecimentos em colaboração, onde ambos possam aprender e ensinar. (DAVANÇO, 2015, p. 475).

O acadêmico tem que ser preparado para os desafios que serão apresentados no percurso do estágio. “O ensino no momento da regência em sala de aula, é encarado como uma forma de investigação e experimentação” (MELLO; LINDNER, 2012, p. 6) o acadêmico entra em contato com uma nova forma de expor conhecimentos e saberes, visto que na universidade está habituado aos seminários, apresentações e debates, mas na ampla maioria das vezes sem a contextualização, sistematização e principalmente sem a problematização necessária e efetiva para o processo de aprendizagem que requer uma aula.

O estágio precisa ser visto de forma mais valorizada, pois ele é uma disciplina com uma importância especial, ele é pesquisa, é conhecimento, por meio dele que conhecemos um mundo amplo na área pedagógica, que descobrimos funções atribuídas aos docentes nos lugares mais inesperados, bem como a importância e as multirefunções que o pedagogo/docente exerce nestes lugares. O estágio proporciona adquirir os conhecimentos transmitidos pelas suas teorias vivenciando a prática, é um processo de perfeita combinação entre teoria e prática, é um espaço de desenvolvimento da ação pedagógica. (DANÇON, 2015, p. 482).

E essa valorização quando é vista pelo acadêmico na escola e na Universidade mostra que o ensino que ele

está enfrentando tem uma razão maior e uma importância para a sociedade. Os acadêmicos precisam ser incentivados a cada nova experiência, assim eles irão em busca de novos conhecimentos e de novas maneiras e recursos para realizar a prática de estágio.

O exercício da atividade docente requer preparo. Preparo que não se esgota nos cursos de formação, mas para o qual o estágio docente pode ter uma contribuição específica enquanto conhecimento sistemático da realidade do ensino aprendizagem na sociedade historicamente situada, enquanto possibilidade de antever a realidade que se quer (estabelecimento de finalidades, direção de sentido), e enquanto identificação e criação das condições técnico-instrumentais propiciadoras da efetivação da realidade que se quer. (DAVANÇO, 2015, p. 481)

O conhecimento deve ser sempre atualizado e conquistado por mérito próprio, não se aprende sem vontade, e o 'ser professor' está inteiramente ligado a essa busca do saber, mesmo após o término da universidade quando já se está formado e trabalhando. Essa busca do saber é permanente, pois o mundo está sempre em construção assim como o conhecimento.

Não se aprende ser professor da noite para o dia, nem em um componente curricular de formação docente

inicial, muito menos no estágio, mas essas experiências somadas formam uma parte importante do percurso docente, e é um preparo para quando for a hora de reger aulas. “O estágio curricular é uma passagem.” (LIMA, 2008, p. 204). Ou seja, momento de colocar em prática teorias aprendidas na sala de aula das universidades e que naquele momento de prática facilitarão a mediação da aprendizagem dos alunos.

Os estágios se constituem em uma atividade balisadora para a formação de professores, na qual os alunos têm oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar e da sala de aula, refletindo a prática do professor regente, traçando perspectivas que potencializarão o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente. (MELLO; LINDNER, 2012, p. 1)

Essa vivência do estágio é indispensável para a formação do acadêmico e do professor, o aluno tem que conviver com o seu ambiente de trabalho, com a comunidade escolar, com a sala de aula e com os recursos didáticos que estarão ao seu dispor nas aulas.

Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de

compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação e no estágio. (MELLO; LINDNER, 2012, p. 4/5)

No estágio, o acadêmico é colocado frente aos desafios que o professor enfrenta diariamente, pois essa realidade só é vista dentro dos muros da escola. Por mais que seja falado nas aulas e colocados diversos exemplos do que é essa realidade, nada pode efetivamente criar o ambiente e reproduzir a questões como estar lá dentro, vivendo o que o professor vive, observando e assimilando tudo o que o professor faz e o que é proposto a ele. A vivência do estágio é fundamental para a formação do ser professor.

Dessa forma a articulação dos docentes em formação com a rotina escolar seja com pais, alunos, professores, funcionários e demais agentes escolares, seja dentro dos espaços institucionalmente constituídos da escola como a sala de aula, o pátio, a biblioteca, a sala dos professores, entre outros, observando o cotidiano escolar como algo em constante transformação, permite tanto a incorporação dos conhecimentos teóricos dos bancos universitários quanto a vivência com a prática escolar diária, compreendendo as particularidades de um espaço altamente importante para

uma sociedade permeada por contradições e desafios. (DAVANÇO, 2015, p. 474/5)

Porém, apesar de toda essa importância, o estágio tem falhas, como é abordado por alguns autores, mas esses percalços não serão resolvidos enquanto a relação entre a escola e a universidade não for significativa e forte. Segundo Davanço e Lüdke é necessário abordar sobre:

A existência de estágios que não cumprem seu papel, em que há falhas tanto por parte do professor supervisor, quanto do conteúdo das aulas presenciadas, onde muitas vezes não acontece um acompanhamento do professor para oferecer as possíveis orientações (...) outro fator que causa a ineficiência do estágio em seu objetivo já citado é a falta de tempo dos alunos para cumprirem as horas exigidas. A maioria dos alunos optam por estudar no período noturno, visto que necessitam trabalhar o dia todo, e desta maneira o estágio é realizado durante o período de serviço. (DAVANÇO, 2015, p. 482)

(...) não é raro ouvirmos de estagiários, que fazem parte de nosso grupo de pesquisa, sobre professores que se prontificam a assinar o comprovante de frequência de estagiários, que deveriam estar presentes em sua sala de aula,

mas dos quais preferem se ver livres, dada a grande carga de trabalho que enfrentam e o pouco sentido que veem no estágio. (LÜDKE, 2013, p. 125)

Apesar desses percalços, o estágio deve ser valorizado como uma das partes mais importantes da formação do ‘ser professor’, é um momento de intensa diversidade e valores que são apresentados aos acadêmicos. Como Lima (2008, p. 199) aborda:

É preciso atentar para o fato de que a cultura vivenciada é trazida para a escola e entra em confronto com o conhecimento formal trazido pelo currículo (...) é na sala de aula que acontece o embate entre os conhecimentos das disciplinas, conhecimentos do currículo e a cultura vivida por alunos e professores. (LIMA, 2008, p. 199)

O estágio gira em torno da relação e da convivência da escola e da universidade, e é tratado como “espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional” (LIMA, 2008, p. 198), então é de extrema importância que esse seja realizado pelos acadêmicos de licenciatura uma vez que “implica na construção de conhecimentos, no estabelecimento de um diálogo pedagógico com os alunos, com os livros, com os saberes da docência, com o papel social da escola, da universidade, e as políticas que regem a educação, entre outras questões.” (LIMA, 2008, p. 200)

Aprender em estágio: Aprendizagem, formação e avaliação

O fazer docente é construído pelas ações e práticas, em um processo de ir e vir, que busca reflexões sobre a realidade social, educacional e escolar, entendendo o processo para tornar-se professor. Nesse sentido, o estágio supervisionado traz diversas oportunidades para os alunos dos cursos de licenciatura compreenderem a diversidade cultural que permeia as escolas, observando a necessidade de práticas que valorizem as diferenças nas/das escolas.

Os estágios são desenvolvidos em espaços fora dos habituais academicamente do currículo de formação docente inicial. E por serem a oportunidade de contato com a escola campo, significam para o estudante a oportunidade de entrar em um mundo diferente do acadêmico, organizacionalmente e culturalmente, com prioridades e lógicas diferentes. Os estágios respondem ao princípio da individualização do ensino-aprendizagem no sentido de que não há dois estágios iguais para dois estudantes diferentes. Ainda que os estudantes realizem juntos o estágio, cada ação é singular e individual.

Os estágios acontecem em espaços distantes da vigilância ou observação direta permanente, uma vez que nem os professores, coordenadores de estágio ou professores universitários estão presentes o tempo todo. Este

contexto leva a busca de estratégias alternativas de ensino dando aos estágios um caráter pedagógico muito interessante, desafiador e inovador.

Em geral, a maioria das disciplinas do currículo de formação docente são de natureza cognitiva, de áreas específicas de conhecimento, enquanto os estágios estão localizados em uma área de interface de competências e habilidades processuais e atitudinais, em espaços de interdisciplinaridade (a escola é por excelência um espaço interdisciplinar atravessado por questões sociais, culturais, econômicas entre outras dimensões que convivem naquele espaço).

Baseado na Teoria Social Cognitiva de Bandura (2008), os estudantes tem oportunidades de usar seu sistema de competências humanas básicas, a capacidade de aprender regras que irão gerar e regular suas ações com base na observação do desempenho de outras pessoas no contexto de trabalho; a capacidade da simbolização, procurando conferir significado, forma e continuidade às suas experiências e tomar decisões em quanto a novos cursos de ação; capacidade de previsão, antecipando as consequências de suas ações e tomando decisões necessárias para desempenhar com eficiência à docência.

Para Dewey (1979) o conhecimento não é um processo registro ou representação, mas intervenção. Dewey apontou que “Toda educação genuína é alcançada através experiência” (1979, p. 25) para se referir à importância de essas experiências mas alerta que “a crença de que

toda educação genuína se consuma através de experiência não quer dizer que todas as experiências são genuínas e igualmente educativas. Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são de-educativas” (DEWEY, 1979, p. 14)

Por conta disso, a escola precisa rever seus propósitos e métodos educacionais - calcados, sobretudo, na imposição de saberes - e utilizar suas condições físicas e sociais para delas extrair os elementos que possam viabilizar aos estudantes processos de experiências efetivamente educativas. A responsabilidade primária do educador é reconhecer as situações que os levem ao processamento de experiências saudáveis, largamente acessíveis e capazes de satisfazer os amplos anseios humanos.

Escrever sobre a própria prática pode ser um momento bastante rico para refletir sobre ação docente e também produzir conhecimentos em movimento que potencializam a experiência vivida, implicando na construção de aprendizagens colaborativas.

Como parte do estágio supervisionado os estudantes foram provocados a organizar, ao longo do semestre, o portfólio da disciplina reunindo os registros de experiência e de contato com a escola.

Como enfatizam Clandinin e Connelly (2011, p. 143), “[...] a escrita autobiográfica é uma maneira de escrever sobre todo o contexto de uma vida [...] e pode ser usada de diferentes formas”.

Nas narrativas a seguir, apresentaremos alguns momentos do processo de formação dos estagiários.

A experiência do estágio foi muito importante para a minha vida acadêmica, apesar das dificuldades em acompanhar as exigências necessárias para a realização do mesmo. A carga horária é muito alta do estágio e isso fez com que a ida à escola ocorresse em dias que eu trabalho, mas no final deu certo. As outras disciplinas estudadas fazem com que os estudantes não foquem o olhar específico para a vivência do estágio, não percebendo todo campo de pesquisa que existe dentro da escola. (Estagiário 1)

A sensação que eu tenho ao final do estágio, é que a formação de professores de fato só acontece no estágio. Eu sei que não é verdade isso, mas é isso que sinto no momento. Por esse motivo acho necessário um olhar mais específico dos especialistas em geografia que trabalham as outras disciplinas do currículo para com a formação do professor de geografia. (Estagiário 12)

Eu me perguntava antes de ir para a escola se eu teria empatia sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Eu fiz EJA, sempre trabalhei de doméstica e quando entrei na UFT achei que era

uma oportunidade que eu estava tendo para sair dessa vida e me profissionalizar, mas eu não gostava de escolas. Nada é fácil na vida, e acho que por isso, quando cheguei no Pedro Ludovico (escola campo) e vi a escola, as crianças, as dificuldades dos professores eu senti que ali era o meu lugar. Eu preciso estudar muito mais para saber o que preciso, mas eu sei que quero dar aula. (Estagiário 9)

Durante o estágio o acadêmico sente-se inseguro muitas vezes, porque apesar de já ter vivenciado uma rotina escolar, como estudante, o retorno a este espaço escolar como estagiário é uma mudança de paradigma. Na escola o estagiário pode ver de perto todas as dificuldades do ensino e da aprendizagem dos alunos daquela instituição, podendo refletir sobre as discussões que foram feitas ao longo da formação e que no estágio se revelam como parte da realidade.

Uma das dificuldades relatadas pelos estagiários no portfólio foi o desafio de escrever e refletir sobre a sua própria prática, visto que muitas vezes na Universidade não é lhes dado essa oportunidade de auto avaliação. Além do desafio pessoal relatado pelos estudantes sobre as barreiras encontradas no desenvolver da escrita, está também, em nossa avaliação, a falta de oportunidade de produzir escritas autorais.

Entretanto, apesar de todos os obstáculos que os alunos estagiários precisam passar para conclusão da disciplina de estágio, pudemos avaliar a partir do relato de uma estagiária a importância dessa disciplina.

Percebi a importância dessa etapa onde alinha-se o conhecimento geográfico e pedagógico para enfrentar mais esse desafio acadêmico. Percebemos a importância do estágio e de como essa experiência nos foi de fundamental valor para a nossa vida acadêmica, profissional e pessoal, pois algo bastante interessante e importante acontece no estágio, que é a troca de conhecimento entre professor, supervisor, orientador e os alunos. (Estagiário 17)

Após as atividades realizadas nas escolas campo, como parte da avaliação fizemos uma roda de conversa onde os alunos apresentaram o portfólio, falaram da escrita dos seus próprios textos, puderam apresentar as fotos, os relatos e juntos construímos um momento fecundo de avaliação.

A primeira pergunta que direcionei a eles foi: “Em sua opinião qual a importância do Estágio Supervisionado na graduação de Geografia?”. Todos avaliaram o estágio como etapa fundamental da formação. Aproveitaram para falar os desafios e dificuldades que os estudantes

trabalhadores tem para cumprir com toda a carga horária e exigências, mas não houve ninguém que não reconhece a importância desta etapa.

O estágio é superimportante pois auxilia, prepara melhor o docente para enfrentar a vida em sala de aula. (Estagiário 7)

Deste modo, os alunos encaram o estágio como uma preparação para a prática em sala de aula, um modo de aprender, de auxiliar, de dar maior segurança para se assumir a sala de aula.

Considero muito importante a prática atrelada a teoria, nos mostra uma direção mais precisa de como planejar uma aula, pois tendo noção da realidade concreta de uma escola é possível construir um perfil profissional adequado, além do mais a avaliação serve como indicador de como e em que devemos melhorar ou manter. (Estagiário 5)

Importante para o aperfeiçoamento do acadêmico, visto que para toda e qualquer formação se exige a prática da teoria. (Estagiário 14)

Aprender a falar em público de forma correta. (Estagiário 7)

Conforme podemos observar na citação acima, os alunos sentiram-se mais confiantes, mais dispostos depois da prática do estágio.

É importante pois é por meio de estágio que o futuro profissional reconhece o que é lecionar, fica mais familiarizado com o ambiente escolar. (Estagiário 21)

O estágio traz a realidade antecipada da sala de aula, nos prepara para atuar como profissionais. (Estagiário 10)

Acredito que na licenciatura é uma das disciplinas mais importantes, pois vai servir de base para sua experiência como docente. (Entrevistado 17)

Para os alunos o estágio é onde se aprende todas as fases do que um professor enfrentará diante da escola e é sobretudo colocar prática na teoria que se aprende ao longo da Universidade. Teoria essa que deve ser trabalhada com os alunos de forma coesa e simplificada, e preferencialmente problematizada.

A segunda pergunta foi: “Qual a contribuição que o estágio trouxe para a sua formação profissional?”

Esta pergunta foi realizada no site Mentimeter e os acadêmicos usaram o aplicativo disponibilizado para celulares. Todos os acadêmicos acessaram e responderam a pergunta gerando uma nuvem de palavras onde os vo-

cábulos variam de tamanho de acordo com a quantidade de vezes que é escolhido. A figura 1 apresenta a nuvem de palavras originada desta atividade e o que identificamos é que em sua grande maioria os estudantes apontam a transformação que o estágio pode trazer para a sua vida acadêmica e profissional, e essas contribuições serão vistas no seu futuro, quando o mesmo for o próprio mediador do conhecimento na sala de aula e não mais o estagiário.

Figura 1 – Nuvem de palavras sobre a contribuição do estágio para a formação docente.



O estágio é uma oportunidade de descobertas e tem uma capacidade incrível de gerar novas experiências. São vivências que acompanharão os acadêmicos por toda a vida profissional e serão de grande importância para que se tornem “bons” professores e que façam a diferença na comunidade acadêmica.

Ao final solicitei que cada um descrevesse sua experiência de estágio na escola. E em síntese, 15 respostas apontaram para uma experiência produtiva e gratificante; 5 respostas para uma experiência em que se pode notar as dificuldades, o estresse e o cansaço da profissão; 18 respostas consideraram uma vivência muito rica; 11 respostas indicaram que o estágio foi um momento de grande aprendizado e em 9 em estagiários apareceu que a experiência foi desafiadora e que os motivou a não desistir da profissão escolhida.

Considerações finais

O estágio é uma das fases mais importantes do aluno da graduação na formação docente inicial. É onde o próprio aluno vai aliar as teorias adquiridas a prática de dar aulas, assim sendo, essa pesquisa visa contribuir com os futuros discentes a real importância que o estágio tem na formação dos professores, sejam eles de que área for.

Após um semestre com foco nesta pesquisa e considerando as respostas dos estagiários, observa-se que o estágio está cumprindo com o papel que lhe devido no curso de formação docente inicial. Segundo o Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia – UFT - (PPC, 2013) os principais objetivos apontados e de responsabilidades do estágio são:

I. – integrar a teoria e a prática através de vivências e experiências o mais próximo possível de situações reais;

II. – proporcionar ao discente o conhecimento da realidade educacional.

Acredito que os acadêmicos estão sendo bem orientados pelos docentes da disciplina de estágio e estão usufruindo das oportunidades de conhecer seu futuro ambiente de trabalho.

A fase do estágio é um período de conhecimento científico, pedagógico e também de autoconhecimento. A escola campo é o espaço destinado aos estagiários para aprenderem, vivenciarem e colocarem em prática projetos que podem mudar a realidade escolar. Cabe ao estagiário tomar essa iniciativa e deixar ali aprendizados e angariar aprendizados para a sua formação profissional, pois já vimos que ser professor é muito mais que apenas mediar conteúdos, é aprender ensinando, é viver aquela realidade e lutar para transformá-la em uma nova perspectiva e uma chance de recomeço.

Como apresentamos no texto, precisamos pensar na teoria e na prática como indissociáveis na formação integral do futuro professor. Ambas devem estar presentes nos currículos e nas práticas docentes dos cursos de formação docente inicial. Não apenas como consta na legislação, mas de forma ativa nos projetos educativos universitários e das escolas campo de estágio.

Com a conclusão do semestre as questões introdutórias foram retomadas para avaliar o caminho trilhado pela pesquisa, e, nossa ponderação final é que as escolas de maneira geral – pós pandemia – estão se organizando e tentando, como sempre fizeram, para superar os desafios e oferecer uma educação não apenas para a formação científica, mas também atenta as outras dimensões que atravessam os alunos, professores e escola.

Dessa forma, mantemo-nos firmes em nossas pesquisas sobre o tema, na convicção de que é possível promover com os estágios de formação docente inicial espaços de reflexão e formação qualificada para os futuros professores.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. O QUE É UM ESTUDO DE CASO QUALITATIVO EM EDUCAÇÃO? REVISTA DA FAEEBA. EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. SALVADOR, V. 22, N. 40, P. 95-103, JUL./DEZ. 2013. DISPONÍVEL EM <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v22n40/v22n40a09.pdf>. ACESSO EM 07/07/2023.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. PESQUISA NARRATIVA: EXPERIÊNCIA E HISTÓRIA EM PESQUISA QUALITATIVA. TRADUÇÃO: GRUPO DE PESQUISA NARRATIVA E EDUCAÇÃO DE PROFESSORES ILEEI/UFU. UBERLÂNDIA: EDUFU, 2011.

DAVANÇO, V. H. O ESPAÇO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO-
CENTE. XVI SEMANA DE EDUCAÇÃO VI SIMPÓSIO DE PESQUI-
SA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. DESAFIOS ATUAIS PARA
A EDUCAÇÃO, OUT. 2015 P. 473-486. DISPONÍVEL EM [http://
www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/
ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/O%20ES-
PACO%20DO%20ESTAGIO%20NA%20FORMACAO%20
DOCENTE.pdf](http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/O%20ES-
PACO%20DO%20ESTAGIO%20NA%20FORMACAO%20
DOCENTE.pdf). ACESSO EM 07/07/2023.

DEWEY, J. EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO. 3 ED. SÃO PAULO: NA-
CIONAL, 1979.

LIMA, M. S. L. REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO/ PRÁTICA DE EN-
SINO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. REV. DIÁLOGO EDUC.,
CURITIBA, V. 8, N. 23, JAN./ABR. 2008, P. 195-205. DISPONÍ-
VEL EM [https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoe-
educacional/article/download/4015/3931](https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoe-
educacional/article/download/4015/3931). ACESSO EM
07/07/2023

LINHARES, P. C. A. IRINEU, T. H. S. SILVA, J. N. FIGUEREDO,
J. P. SOUSA, T. P. A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA, ALUNO, ES-
TÁGIO SUPERVISIONADO E TODO O PROCESSO EDUCACIONAL
NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR. NUPEAT–IESA–UFG,
V.4, N.2, JUL. /DEZ., 2014, P. 115-127, ARTIGO 69. DISPONÍ-
VEL EM [https://www.revistas.ufg.br/teri/article/viewFile/
35258/18479](https://www.revistas.ufg.br/teri/article/viewFile/35258/18479). ACESSO EM 07/07/2023

LÜDKE, M. O LUGAR DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PRO-
FESSORES. EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA, VIÇOSA, V. 4, N. 1,

JAN./JUN. 2013, P. 111-133. DISPONÍVEL EM <https://periodicos.ufv.br/ojs/educacaoemperspectiva/article/viewFile/6619/2725> . ACESSO EM 07/07/2023

MARTINS, R. E. M. W. TONINI, I. M. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER/FAZER DOCENTE. GEOGRAFIA, ENSINO & PESQUISA, VOL. 20 2016, N.3, P. 98-106. DISPONÍVEL EM <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/21000/pdf>. ACESSO EM 07/07/2023

MELLO, S. P. T. LINDNER, L. M.T. A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: OBSERVAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES. IX ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, P 1-10. DISPONÍVEL EM <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anped-sul/9anpedsul/paper/viewFile/362/978>. ACESSO EM 07/07/2023

MONTEIRO, J. S. SILVA, D. P. A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE BASEADA NAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA. GEOGRAFIA ENSINO & PESQUISA, V. 19, N.3, SET. /DEZ. 2015 P. 19-28. DISPONÍVEL EM <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/14315/pdf>. ACESSO EM 07/07/2023

NÓVOA, A. RELAÇÃO ESCOLA-SOCIEDADE: NOVAS RESPOSTAS PARA UM VELHO PROBLEMA. IN: SERBINO ET AL. (ORG.). FORMAÇÃO DE PROFESSORES. SÃO PAULO: FUNDAÇÃO EDITORA UNESP, 1998. P. 19-39.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: DUAS FACES DA MESMA MOEDA?. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, v. 24, p. 1-20, 2019. DISPONÍVEL EM: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kZwPLnkwb7yJS9hJw-dFfLDf/>. ACESSO EM 07/07/2023.

UFT. PPC - PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, PORTO NACIONAL, TO. 2013.

BANDURA, A. A EVOLUÇÃO DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA. IN. BANDURA, A., AZZI, R. G., & POLYDORO, S. TEORIA SOCIAL COGNITIVA: CONCEITOS BÁSICOS. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Adão Francisco de Oliveira

E-mail: adaofrancisco@gmail.com

Graduado em História, mestre em Sociologia, doutor e pós-doutor em Geografia. É professor da graduação e do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins – campus de Porto Nacional. Atualmente é o presidente da ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

Professora Associada do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional desde 2005. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestrado em Geografia pela UNESP Presidente Prudente (2004), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins. É membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) da Universidade Federal de Goiás, e, da Rede Latino-americana de Investigação em Didática da Geografia (REDLADGEO). É editora da Revista Brasileira de Educação em Geografia e membro do conselho consultivo e revisora de outros periódicos da área. Possui pesquisas nas áreas de Formação

de Professores, Educação Geográfica, e, Estudos Culturais, além de ser autora de vários artigos publicados em periódicos da área de Geografia.

Carliane Alves da Silva

E-mail: carly.silva@hotmail.com

Mestranda em Geografia pela universidade de Brasília- UnB. Especialista em Gestão em Educação Ambiental. Professora da Rede Municipal de Educação de Luziânia-GO, com ênfase nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Orcid : <https://orcid.org/0000-0003-1395-9774>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4289657494871987>

Davi Leite dos Santos

E-mail: davimx21@gmail.com

Formado em Geografia (licenciatura) pela Universidade de Brasília; atuou como extensionista em projetos universitários focados em ensinar Climatologia através das redes sociais e Geografia Física com o uso de metodologias ativas.

Gildásia Pereira da Costa Borges

E-mail: gildasia.geo@gmail.com

Possui Pós-Graduação em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdade de Tecnologia Antônio Propício Aguiar Franco (2011) e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Tocantins (2017). Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (2008). Atualmente é professora - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins.

Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (2023).

Juanice Pereira Santos Silva

E-mail: juanice.ahss@yahoo.com.br

Doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB, Graduada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB (1997). Possui especialização em Educação Ambiental, Professora da Carreira Magistério Público da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal - SEEDF, desde 1999, componente curricular Biologia. Trabalha com Educação Inclusiva no Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos Generalista desde 2009. Professora bolsista (colaboradora) da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB), desde 2023. Membro do Grupo de Pesquisa Inteligência Cooperativa em Redes Sociais Complexas, registrado no CNPq e coordenado pelo professor Dr. Jorge Henrique Cabral Fernandes. Membro ouvinte da Comissão de Igualdade Racial na Ordem dos Advogados Brasil Seccional do Distrito Federal subseção Gama e Santa Maria. <https://orcid.org/0000-0002-6411-0669>.

Lucas Barbosa e Souza

E-mail: lbsgeo@mail.uft.edu.br

Bacharel (1999) e licenciado (2000) em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre (2003) e doutor (2006) em Geografia (Análise da Informação Espacial) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de

Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Rio Claro. Pós-doutorado (2018) em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Titular da Universidade Federal do Tocantins (UFT) (ingresso em 2004), onde atua junto ao Curso de Geografia (Campus de Porto Nacional) e aos Programas de Pós-Graduação em Geografia (Campus de Porto Nacional) e em Ciências do Ambiente (Campus de Palmas). Desenvolve pesquisas nas áreas de climatologia geográfica e percepção ambiental.

Marcela Antonieta Souza da Silva

E-mail: marcelaantonietass@gmail.com

Mestranda em Ciências Políticas e licenciada em Geografia pela Universidade de Brasília, pesquisa na área de Geografia Política, Democracia e Meio Ambiente tendo como enfoque Povos Indígenas e Povos e Comunidades Tradicionais e seus territórios. Fez parte do projeto Crianças e Adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais (NEIJ/UNB). Fez parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Democracia (GPEDEM - UnB) e do Projeto Utopia e Território que pertence ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) dos cursos de Filosofia e Geografia da Universidade de Brasília.

Marciléia Oliveira Bispo

E-mail: marcileia@uft.edu.br

Possui graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Tocantins -UNITINS (1996), mestrado (2006) e doutorado (2012) em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais -Universidade Federal de Goiás IESA/UFG. É professora Associada

na Universidade Federal do Tocantins no curso de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia (mestrado) campus de Porto Nacional. Foi coordenadora Institucional do PIBID/UFT nos anos de 2015 a 2018. Atualmente é docente orientadora na Residência Pedagógica no curso de Geografia, campus Porto Nacional. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Geografia, educação ambiental, formação de professores, meio ambiente e representações, território e comunidades tradicionais.

Matheus Henrique Pereira da Silva

E-mail: matheushenrique05@live.com

Atualmente, exerce a função de Professor Substituto no curso de Geografia da UEG Unidade Porangatu. É membro da Comissão Local do Sistema de Avaliação de Cotas da UEG - Porangatu e do Comitê Local de Acompanhamento de Bolsas da UEG Porangatu. Doutorando em Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins UFT/Campus Porto Nacional. Especialista em Metodologia do Ensino e da História e da Geografia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Graduação em Geografia (Universidade Estadual de Goiás /UEG-UnU Porangatu - 2019). Participa dos Grupos de Estudos de Cartografia para Escolares (GECE - UFG); do Grupo de Estudos de Linguagens (UFG); do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG/UFG). Atuou como Chefe de Gabinete na Câmara Municipal de Porangatu-GO de 2021 a 2023. Exerceu a

função de Coordenador de Mídias e Técnico de Informação na Faculdade Líber (FacLíber) de 2021 a 2022. No período de 2019 a 2020, desempenhou o papel de professor de Geografia e História no Ensino Fundamental I e II no Instituto Líber em Porangatu, Goiás e foi coordenador do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) em 2018.

Milena Tayamara Gomes de Sousa

E-mail: Tayamara28@gmail.com

Graduada em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Experiência na área de Geoprocessamento, com ênfase em Análise de Dados Geográficos e preenchimento de Banco de Dados. Atuação em projeto de pesquisa acerca das Redes de Drenagem do Distrito Federal (LSIE - UnB). Experiência em projeto de pesquisa (Pibic) com tema “Análise da distribuição e condições de áreas alagáveis (wetlands) do Cerrado por meio dados orbitais em nuvem” (FAP - DF). Desenvolvimento de projeto de pesquisa (Pibic) com tema “As aulas de campo no Zoológico como ferramenta de enriquecimento do processo de aprendizagem de biogeografia no 7º ano do ensino básico”.

Nascimento Marques de Miranda

E-mail: nascimentogeo@mail.uft.edu.br

Possui Licenciatura (2003) e Bacharelado (2006) em Geografia, Especialização (2008) em Educação Ambiental, Mestrado (2010) em Ciências do Ambiente e Mestrado (2023) em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Professor PIII-Geografia da rede municipal de educação de Palmas/TO desde 2005 e com lotação atual na

Escola Municipal Jorge Amado. Desenvolve pesquisa na área de Geografia, com ênfase na educação ambiental, percepção ambiental e problemas ambientais urbanos em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB).

Raedy Ferreira da Silva

E-mail: raedy199@gmail.com

Graduando em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, desenvolve trabalho acerca de recursos hídricos do Brasil junto à Agência Nacional de Águas (ANA). Experiência na área de geoprocessamento, com ênfase em banco de dados geográficos e hídricos. Atuação em projeto acerca da rede de drenagem do Distrito Federal (LSIE - UnB). Atuação em projeto de extensão sobre metodologias ativas para o ensino de geografia física.

Rafael Rodrigues da Franca

E-mail: rrfranca@unb.br

Professor Associada do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional desde 2005. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestrado em Geografia pela UNESP Presidente Prudente (2004), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins. É membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) da Universidade Federal de Goiás, e, da Rede Latino-americana de Investigação em Didática da Geografia (REDLADGEO). É editora da Revista

Brasileira de Educação em Geografia e membro do conselho consultivo e revisora de outros periódicos da área. Possui pesquisas nas áreas de Formação de Professores, Educação Geográfica, e, Estudos Culturais, além de ser autora de vários artigos publicados em periódicos da área de Geografia.

Roberto de Souza Santos

E-mail: robertosantos@mail.uft.edu.br

Possui formação em magistério do segundo grau com habilitação para lecionar da 1ª a 4ª série (Primário). Possui graduação em Geografia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO- CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPLIS (1993), mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1999) e doutorado em GEOGRAFIA pelo Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, SP (2006). Atualmente é vice coordenação de pós-graduação em geografia - PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM -GEOGRAFIA e professor de magistério superior - UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: território; latifúndio; assentamento agrário, espaço urbano, crescimento urbano, meio ambiente, sociedade-natureza, desenvolvimento regional e urbanização, segregação sócio-espacial, favelização. É revisor das seguintes revistas: Produção Acadêmica (UFT); Periódico: Boletim Goiano de Geografia (Online); Periódico: Revista do Departamento de Geografia (USP); Periódico: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR); Periódico: RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e So-

cidade; Periódico: NOVOS CADERNOS NAEA; Periódico: REVISTA DE EXTENSÃO DO IFTO; Periódico: SCIENTIA PLENA; Periódico: Revista Georaguaia; Periódico: Boletim Goiano de Geografia; Periódico: UNIMONTES CIENTÍFICA; Periódico: Novos Cadernos NAEA; Periódico: Revista REAMEC do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática; Revista Cerrados; REVISTA CERRADOS (UNIMONTES); PRACS: REVISTA ELETRÔNICA DE HUMANIDADES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UM; GEONORDESTE (UFS); Revista Terra Livre; REVISTA GEOARAGUAIA; Revista de Estudo e Pesquisa em Educação; REVISTA INSTRUMENTO.

Roselir de Oliveira Nascimento

E-mail: roselir@unb.br

Possui graduação em licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade de Brasília, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Geografia e coordena o Laboratório de Geografia Física (LAGEF). Tem experiência na área de Geomorfologia e Ensino e coordena as Casas Universitárias de Cultura do DEX UnB.

Ruth Elias de Paula Laranja

E-mail: uab.ruth@gmail.com

Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado pela Universidade de Porto- Portugal. Doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002). Atualmente é professora associada III da Universidade

de Brasília. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Física, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação e impacto ambiental, gestão ambiental, biogeografia, áreas degradadas, ensino de geografia e geografia da saúde.

Sâmia Mariana Araújo da Silva

E-mail: samyamariana@hotmail.com

Graduada em Licenciatura e Bacharelado pela Universidade de Brasília (UnB). Experiência na área de licenciatura da rede privada de ensino do Distrito Federal. Atuação no Projeto de Geografia Africana e Afrobrasileira (GEOAFRO). Atuação em áreas de pesquisas acerca dos portos clandestinos no Brasil (CIGA - UnB). Desenvolvimento de projeto de pesquisa (Pibic) com tema “ O Zoológico como espaço de conservação ex situ das espécies ameaçadas de extinção “ (FAP - DF). Atuação no programa de Residência Pedagógica (UnB).

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

E-mail: tatifu@hotmail.com

Possui Mestrado (2017) e Doutorado (2023) em Gestão ambiental e territorial pelo Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade de Brasília, bacharelado em Ciências Ambientais na Universidade de Brasília (2014) e Licenciatura em Biologia pelo Centro Universitário Claretiano. Tem experiência como professora de Biologia na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e como professora universitária voluntária no departamento de Geografia da Universidade de Brasília

(UnB), onde ministra disciplinas nesse curso e no curso de Ciências Ambientais. Atua na área de Conservação e Uso da Biodiversidade nos seguintes temas: Ecologia de estradas, Biogeografia, Avaliação de Impactos Ambientais e Conservação da Fauna silvestre. Metodologias Ativas no Ensino da Geografia